Globethics Repository



Produzir e consumir de maneira solidaria e etica [Produce and consume in a supportive and ethical way]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Dill, Lourdes
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-15 21:47:31
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163323

virtuoso da produção, consumo e geração de renda que ia fazer o bairro crescer, se desenvolver, gerar trabalho e renda. Assim foi feito. Em janeiro de 1998, começamos nosso banco, o Banco Palmas.

***IHU On-Line*- Como acontece hoje o funcionamento do Banco?**
João Segundo- Começou com dois instrumentos: uma pequena linha de crédito para incentivar a pequena produção local, e o cartão de crédito, chamado Palma Card. Esse cartão de crédito era o instrumento de incentivo ao consumo local. Um cartão de crédito popular que qualquer família podia ter. Ele permitia comprar nos empreendimentos do próprio bairro. Só eram credenciadas lojas do bairro. Aos poucos, fomos abrindo novas empresas, financiadas pelo Banco. Temos a Palma Limp, que é a empresa de material de limpeza, com toda a linha de água sanitária, sabão, detergentes, desinfetantes, tudo fabricado localmente. Abrimos a Palma Fashion, que é nossa grife de confecção. São pequenos empreendimentos domésticos, com cinco ou dez mulheres do bairro. Temos a Palma Couros, que fabrica cintos, bolsas, sapatos, a Palma Natus, que é de produtos naturais, sabonetes, pastas, remédios em geral. São pequenas empresas comunitárias que fabricam produtos de primeira necessidade, de que a população necessita. E por meio de várias campanhas, de oficinas com os estudantes, começamos a estimular que os moradores comprassem esses produtos locais. A partir daí, foram sendo criados vários instrumentos de incentivo a esse consumo. Existe também a feira do Banco Palmas, que é semanal, onde só são vendidos produtos locais. Temos a Loja Solidária, que tem um vendedor de produtos feitos na própria comunidade.

***IHU On-Line*- Com que tipo de moeda o banco opera?**
João Segundo- Criamos a nossa própria moeda. Hoje temos os palmas, a moeda própria do bairro que circula livremente e é usada nos clubes de troca. Com os palmas, você pode comprar livremente no bairro. Os comerciantes podem trocar por reais, no Banco, as moedas palmas acumuladas, para poder ampliar seus negócios e comprar novos equipamentos. Foi um conjunto de instrumentos criados para estimular a população a consumir localmente. O grande segredo do Banco Palmas é que ele financia e promove a produção e o consumo local e o consumo coletivo. As pessoas se associam para comprar, o que torna os produtos mais baratos. Temos também um laboratório de agricultura urbana, que é fundamental, porque nós não produzíamos alimentos na favela, então criamos um espaço com um técnico agrícola que ensina as famílias a plantarem nos quintais de suas casas e criar galinhas caipira que podem consumir ou vender na feira, gerando renda, recuperando o meio ambiente. A escola comunitária de Economia Solidária também é algo fundamental, se chama Palma *Tech,* que dá captação profissional, ensina, cria jogos pedagógicos que formam para a cultura da cooperação e da solidariedade. Todo o mundo é consumidor e produtor ao mesmo tempo nessa grande rede de solidariedade.

(Voltar ao índice)

PRODUZIR E CONSUMIR DE MANEIRA SOLIDÁRIA E ÉTICA

Entrevista com Lourdes Dill

O consumo ético e solidário nasce de uma economia popular e solidária, na opinião da Irmã Lourdes Dill, pertencente à Congregação das Filhas do Amor Divino. Ela é a coordenadora do Projeto Esperança/Cooesperança, desenvolvido pela Diocese de Santa Maria (RS), juntamente com a Cáritas Regional – RS. O Projeto, que funciona desde 1987, articula e congrega experiências da referida economia

popular e solidária, no meio urbano e rural. Apoia-se no associativismo, buscando construir um modelo de cooperativismo autogestionário. Trabalha com os conceitos de produção coletiva, comercialização direta, agroecologia, agricultura familiar e busca a valorização do trabalho sobre o capital. Para ela, é possível "transformar pela solidariedade".

***IHU On-Line* - Como surgiu o projeto Economia Popular Solidária? Como ele se relaciona com as outras atividades desenvolvidas pelo Projeto Esperança/Cooesperança?**
Lourdes Dill- A Economia Popular Solidária (EPS) no Rio Grande do Sul inspirou-se no livro ***A Pobreza, Riqueza dos Povos***[3]. O livro propõe a "reinvenção da economia", uma economia mais solidária, mais justa e partilhada. Uma economia que valorize e fortaleça a iniciativa das diferentes formas de organização do trabalho autogestionário e de inclusão social. A obra propõe a "transformação pela solidariedade". De acordo com a forma de trabalhar proposta, os empreendimentos solidários distribuem, de forma justa, os frutos do trabalho organizado no meio urbano, no meio rural, na prestação de serviços, resultando na prática de um consumo justo, ético e solidário e na valorização do trabalho acima do capital. Este nos pareceu ser um dos caminhos para diminuir as desigualdades sociais e a concentração de renda nas mãos de poucos.

***IHU On-Line* – Como o Projeto Esperança/Cooesperança se sustenta e como vem atuando?**
Lourdes Dill – O projeto é promissor pela luta e por sua resistência e sua forma de organização. E contamos com o apoio diversificado de entidades, como a Cáritas Regional, Misereor[4], Prefeitura Municipal de Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Emater. Também contamos com os programas governamentais voltados à inclusão social que, indiretamente, contribuem para o sucesso das vendas nas feiras semanais e mensais. É importante também a "Teia Esperança", que se constitui na rede de empreendimentos solidários associados ao projeto.

***IHU On-Line* - A senhora não teme que o mercado possa "apropriar-se" da economia solidária, impondo-lhe a lógica do lucro acima de tudo?**
Lourdes Dill - O mercado busca se estender para onde há vantagens para ele. O que rege o mercado é o lucro e a concentração de riquezas. Ele tenta imitar a linguagem e a forma de apresentação dos produtos adotadas pela EPS, bem como outras práticas. Mas o mercado tem dificuldades para enfrentar a EPS, porque não tem as nossas convicções. Ele não quer construir o que queremos. A nossa proposta faz a diferença.

***IHU On-Line* - Como a economia solidária pode ser fortalecida? Aos governos cabe algum papel importante? Os militantes da economia solidária contam com os governantes, de maneira geral?**
Lourdes Dill – A EPS pode ser fortalecida pela articulação das organizações comprometidas com essa proposta e pelas políticas públicas. Juntos e articulados, podemos avançar mais. Os governos devem apoiar, mas as organizações não podem ficar dependentes deles. O povo se organiza, luta, resiste. Os governos podem destinar recursos públicos e proporcionar assistência técnica. Os últimos governos têm favorecido as iniciativas do Projeto

[3] Tévoèdjré, Albert. ***A Pobreza, riqueza dos Povos.*** Petrópolis: Vozes, 1981. (Nota do ***IHU On-Line***).
[4] Organização (www.misereor.org), fundada em 1958, atua como agência de desenvolvimento da Igreja Católica na Alemanha (Nota do ***IHU On-Line***).

Esperança/Cooesperança como um todo. A cada ano vai se buscando fortalecer esta integração.

***IHU On-Line* - No que consiste o "cooperativismo alternativo" e qual a sua relação com a economia solidária?**
Lourdes Dill – O cooperativismo alternativo e autogestionário tem uma relação direta com a EPS. As pequenas iniciativas, as cooperativas populares, valorizam o trabalho acima do capital, ao contrário das grandes cooperativas, que concentram suas forças na valorização do capital acima da força de trabalho. A participação, a gestão e o planejamento participativo funcionam melhor nas pequenas iniciativas, que trabalham de forma mais eficiente a inclusão social e cidadã.

***IHU On-Line* - A senhora gostaria de comentar outros aspectos do tema não referidos nas perguntas?**
Lourdes Dill - Gostaria de reforçar que a EPS é um dos caminhos promissores para muitos países. Contribui de maneira significativa para a geração de trabalho e renda para trabalhadores e trabalhadoras, é um caminho alternativo. No nosso caso, achamos muito importante a realização das feiras, a prática da comercialização direta, a nossa "teia esperança".

(Voltar ao índice)

O CONSUMO ÉTICO E O COMÉRCIO JUSTO PRECISAM DO VERDADEIRO COOPERATIVISMO

Entrevista com João Carlos Rodrigues

O presidente da Cooperativa Ecológica Coolméia, João Carlos Mendonça Rodrigues, em entrevista concedida, por telefone, ao ***IHU On-Line****, sustenta que o bom cooperativismo estimula as práticas socializantes e, por decorrência, incentiva o comércio justo e leva ao consumo ético. Profissional formado nas áreas administrativa e de informática, conhecimentos que colocou a serviço da ecologia e do cooperativismo, João Carlos lamenta o descaso dos governos para com a Coolméia, cujo modelo de gestão destaca-se internacionalmente. Mas acredita que, gradualmente, a sociedade e a mídia aproximam-se das proposições da Cooperativa, buscando uma defesa contra o capitalismo selvagem e a falácia do desenvolvimento assentado nas grandes empresas. A Cooperativa Ecológica Coolméia, cujo sítio na internet é www.coolmeia.com.br, existe desde 1978. Ela congrega mais de mil associados e, através do trabalho cooperativo, atua no sentido de promover a alimentação natural, a agricultura ecológica, a defesa do meio ambiente, a autogestão e a co-gestão. Fundada por iniciativa de membros da entidade esotérica Grande Fraternidade Universal, marcou a época em que os jovens procuravam alternativas alimentares e de vida. Eles mesmos começaram a produzir do que mais necessitavam. Utilizavam a garagem da GFU, em Porto Alegre, e, em 1982, passaram a uma sede conjunta com a Agapan e os Amigos da Terra, na rua João Telles, bairro Bom Fim. Hoje, ocupa um largo espaço na sobreloja da Igreja do Santíssimo Sacramento e Santa Teresinha, na rua José Bonifácio, 675, no Bom Fim, em Porto Alegre. Centenas de famílias produzem alimentos e são mantidas pelo contato direto com o consumidor via Coolméia. A Cooperativa mantém três feiras em espaços públicos, além do entreposto de produtos integrais sete dias por semana, almoço vegetariano, livraria, serviços de apoio técnico e orientação nutricional e lancheria. Também participa ativamente da vida cultural e ambientalista da cidade promovendo encontros, palestras ou painéis sobre questões atuais ou simplesmente culturais.*